

AS GRANDES FORÇAS ANTI-CRISTÃS

Assim se me apresenta em seus traços gerais a dialética do humanismo moderno. Enquanto o novo humanismo de que já falei, e que corresponde de um modo bem significativo à vocação da França, não houver realizado seu advento na história, a dialética do humanismo falido só poderá ter como resultado a oposição e a confusão as mais temíveis. Daí o crepúsculo da civilização ocidental. Considerada em suas causas imediatas, a noite que nos ameaça é devida a aparição de fenômenos históricos designados em seu aspecto político (que certamente não é o mais profundo) pelo nome de totalitarismo: totalitarismo comunista, de um lado (isto é, totalitarismo social), e, de outro lado, totalitarismo fascista (ou o Estado político) e nacional-socialista (ou comunidade racial). Essas duas famílias opostas de totalitarismo apresentam analogias profundas e fenômenos de osmose: talvez mesmo um dia chegarão a se fundir e a se interpenetrar, para a maior infelicidade dos homens. Entretanto existem diferenças radicais entre seus princípios metafísicos. Considerando-os sob esse ponto de vista poder-se-ia dizer de modo definitivo que praticamente, na existência concreta ha - nisso - - um ateísmo que declara que Deus não existe e que faz seu deus de um ídolo; e ha - naquilo - um ateísmo que declara francamente que Deus existe, mas que faz do próprio Deus um ídolo, porque nega por

seus atos se não por suas palavras, a natureza e a transcendência de Deus; invoca Deus, porém como um gênio protetor ligado à glória de um povo ou de um Estado ou como um demônio da raça.

Praticamente, um dos tres totalitarismos de que acabo de falar, foi o primeiro, o totalitarismo russo-comunista, que começou e primeiramente se revelou mais virulento; destruiu tantas vidas humanas que seus brilhantes rivais ainda não os igualaram em hecatombes(1). Porém, no momento parece bastante enfraquecido e são os dois outros que na hora atual ameaçam mais imediatamente o universo.

As forças em cuja presença nos encontramos são forças anticristãs em seu princípio. Talvez fosse melhor chamá-las "anticrísticas", pois trata-se ainda menos de uma oposição doutrinal ao cristianismo que ~~de uma doutrina ao cristianismo~~ que de uma oposição essencial à presença e à ação do Cristo no seio da história humana. Desejaria analisar rapidamente a significação espiritual, a significação religiosa dessas forças, isto é, antes de tudo, do racismo nazi e do comunismo. É inútil falar do fascismo sob esse ponto de vista, pois, por diversas razões nas quais não tenho tempo de insistir, o dinamismo religioso ou místico do fascismo torna-se bastante fraco; por causa disso, aliás é difícil que não sofra, nesse domínio, a influência de outras formas mais virulentas. Por enquanto, é dominado pelo racismo alemão.

Consideremos primeiro o princípio racista. Como já o disse, o racismo é antes de tudo uma reação irracionalista. O racismo ger-

mânico é um protesto patológico, por sua vez alimentado pelo pedantismo mais absurdo (porém em caso idêntico quanto mais o pedantismo fôr absurdo, maior é sua eficácia) é um protesto patológico da natureza com todas as suas forças de vitalidade e de ferocidade surgidas do mais profundo da terra mater, com suas necessidades de euforia e de poderio, e com a raiva implacável que pode exaltar o instinto quando o espírito traíndo a si mesmo, afundando na animalidade, contra uma razão ilusóriamente otimista, se assim posso dizer, contra um clericalismo da razão pura, que por todo decorrer do século XIX havia prometido o paraíso na terra e que não tinha o sentido da natureza nem o da miséria humana.

Um ódio místico de toda sutileza intelectual ou moral, um ódio místico da sabedoria e de todo ascetismo se desenvolve assim, e ao mesmo tempo uma espécie de religiosidade vigorosa, essa religiosidade inerente a substancia humana nas suas mais elementares fibras físicas. Deus é invocado, mas sómente em virtude do desejo de natureza inscrito nos elementos biológicos do ser humano; e - por causa do processus reacional fundamental que assinalei - ele é invocado contra o Deus do espírito, da inteligência e do amor, excluindo e odiando esse Deus. Por um fenômeno espiritual extraordinário, então eis que acreditar-se-ia em Deus sem conhecê-lo. A idéia de Deus é afirmada e ao mesmo tempo desfigurada e pervertida. Um deus que terminará por se identificar com a força invencível em trabalho no sangue se ergue contra o Deus do Sinai e contra o Deus do Calvário, contra o Ser transcendente, Aquele que é e que habita uma glória inacessível, contra o Verbo que era no princípio, contra o Deus de quem foi dito que é o Amor.

Estamos diante, não de um ateísmo pseudo-científico, mas, se assim posso dizer, de um parateísmo onde um pseudo-teísmo demônico que, recusando a sabedoria, é disponível a todos os ocultismos, e que não é menos anticristão que o ateísmo.

O racismo está essencialmente ligado a esse pseudo-teísmo demônico. Pois sua reação contra o individualismo e sua sede de comunhão, procura a comunhão na animalidade humana, que, separada do espírito é apenas um inferno biológico. Na metafísica do concreto social, o deus da comunidade do sangue só pode ser o demônio do sangue. Por isso o néo-paganismo racista é inferior ao paganismo da antiguidade clássica, que tinha a devoção das Leis eternas e da divindade suprema. É o aspeto mais baixo do paganismo que ele reconduziu à existência.

A exposição do ateísmo e do comunismo exige idêntica discussão. A gênese do comunismo em Marx é de ordem filosófica; procede dos impulsos recebidos da esquerda hegeliana e de Feuerbach: no espírito de Marx a idéia - do trabalho ser deshumanizado pela propriedade privada, redundou em ação, antes de tornar-se primeira em direito, a idéia feuerbaquiana da consciência humana ser deshumanizada pela idéia de Deus.

Mais profundamente, a teoria do materialismo histórico tal como Marx a concebeu, compreende uma posição ateísta absoluta, pois comporta um processus universal de substituição do movimento dialético da história a toda causalidade transcendente e o universo do cristianismo em geral; compreende conseqüentemente a idéia do mundo da natureza e o mundo humano serem um "devenir" que se estabelece por si próprio no ser, e essa idéia ser exclusi-

va por hipótese de toda existência divina.

O comunismo está essencialmente ligado a esse ateísmo, pois, se reage contra o individualismo, se tem sede de comunhão, é sem descobrir um princípio superior ao do humanismo antropocêntrico, porém, ao contrário, agravando-o, e procurando essa comunhão na atividade econômica, na mera produtividade, que, tomada pelo verdadeiro sentido e pela pátria da ação humana, apenas seria o mundo de uma razão decapitada, de uma razão sem Deus. Na metafísica do concreto social, o deus da comunidade industrial só podera ser a razão humana demiúrgica e fabricante, o titanismo da indústria. O comunismo transporta assim a comunhão cristã para uma outra comunhão, inteiramente temporal, que se realizaria pela abolição ou pela extenuação da propriedade privada.

Sobre esse capítulo do comunismo e do racismo pode-se fazer uma última observação: se é verdade que o comunismo é, na dialética da cultura, o último estado do racionalismo antropocêntrico, compreende-se que em virtude da universalidade inerente à razão, mesmo insensata, ele seja universalista, e que se oponha ao cristianismo, pretendendo substituir a universalidade do corpo místico do Cristo, seu próprio universalismo terrestre, conquanto o racismo, de base irracionalista e biológica, se opõe ao cristianismo afastando todo universalismo e ela própria destruindo a unidade natural do gênero humano, para impor a hegemonia de uma essência racial julgada superior.